



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

GREGÓRIO PORTO RIBEIRO

**A MOBILIDADE PENDULAR NO ESPAÇO INTERURBANO DE POCINHOS E
CAMPINA GRANDE – PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
Fevereiro de 2011**

GREGÓRIO PORTO RIBEIRO

**A MOBILIDADE PENDULAR NO ESPAÇO INTERURBANO DE POCINHOS E
CAMPINA GRANDE – PB**

**Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito formal para obtenção do título de graduado em
geografia**

ORIENTADOR: Prof. Ms. Faustino Moura Neto

**CAMPINA GRANDE – PB
Fevereiro de 2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

R484m

Ribeiro, Gregório Porto.

A mobilidade pendular no espaço interurbano de Pocinhos e Campina Grande - PB [manuscrito] / Gregório Porto Ribeiro. – 2011.
53 f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me. Faustino Moura Neto, Departamento de Geografia”.

1. Geografia Urbana. 2. Demografia. 3. População. I. Título.

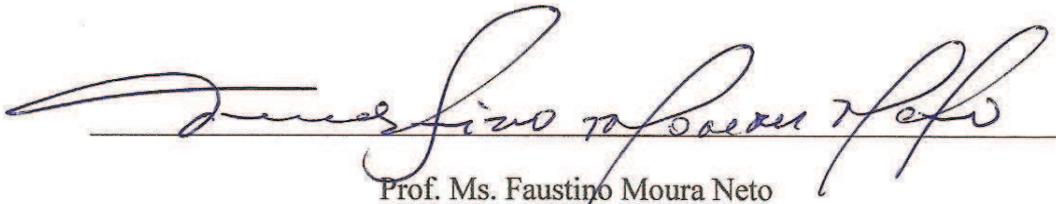
21. ed. CDD 304.6

GREGÓRIO PORTO RIBEIRO

A OBILIDADE PENDULAR NO ESPAÇO INTERURBANO DE POCINHOS E
CAMPINA GRENDE – PB

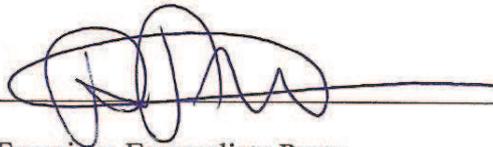
Monografia apresentada e aprovada em 28 de fevereiro de 2011 como requisito para obtenção do título de licenciado em Geografia, departamento de História e Geografia, Centro de educação da Universidade Estadual da Paraíba pela seguinte banca examinadora:

NOTA 9,0 (NOVA)



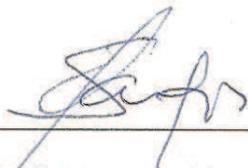
Prof. Ms. Faustino Moura Neto

Orientador (UEPB)



Prof. Ms. Francisco Evangelista Porto

1º Examinador (UEPB)



Prof. Ms. Everaldo Lisboa dos Santos

2º Examinador (UEPB)

Agradeço a Deus, meus pais, minha família, professores, amigos, colegas e todos aqueles que, de uma certa forma me ajudaram e ajudam com seus conselhos e opiniões.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal o levantamento e análise dos principais elementos precursores da mobilidade pendular existente nos municípios de Pocinhos e Campina Grande. Objetiva também a reflexão sobre as consequências que este fenômeno traz ao município de Pocinhos, nas áreas econômica, social e até mesmo cultural, já que esta cidade tem sua economia um tanto quanto enfraquecida e uma forte dependência da vizinha cidade de Campina Grande, sobretudo, no quesito emprego e renda, transformando Pocinhos em um mero fornecedor de mão de obra. Vista também como cidade dormitório, já que seus moradores passam a maior parte do dia trabalhando em Campina Grande, retornando apenas no início da noite as suas residências. Todo o trabalho foi dividido em etapas, iniciando-se com o levantamento bibliográfico, aquisição de dados junto ao Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) e a pesquisa in loco, realizada através da aplicação de questionários a uma determinada quantidade de pessoas, que ao mesmo tempo expuseram suas opiniões a respeito da mobilidade ou migração pendular e que solução poderiam ser criadas para reduzir o impacto que este fenômeno traz ao município de Pocinhos.

Palavras-chave: Mobilidade pendular, dependência, cidade dormitório.

ABSTRACT

The present study has as main objective the survey and analysis of the main precursors of commuting elements existing in the cities of Campina Grande and Pocinhos. It also aims to reflect on the consequences of this phenomenon brings to the city of Pocinhos, in the economic, social and even cultural, as this city has its economy somewhat weakened and a strong dependence on the neighboring city of Campina Grande, above all, employment and income in the category, transforming Pocinhos a mere supplier of manpower. Also seen as a dormitory town, as its residents spend most of the day working in Campina Grande, only returning in the evening to their homes. All the work was divided into stages, beginning with the literature, acquisition of data from the Institute of Geography and Statistics (IBGE) and in situ research, conducted through questionnaires with a certain amount of people that the same time voiced their opinions about the mobility or commuting and what solution could be created to reduce the impact that this phenomenon brings to the city of Pocinhos.

Keywords: commuting, dependence, dormitory town.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Distribuição populacional no município de Pocinhos.....30

GRÁFICO 2: Fluxo de pessoas no município de Pocinhos em dias úteis e fins de semana.....44

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa do fluxo de estudantes no Brasil.....18

FIGURA 2: Mapa do Município de Pocinhos.....29

FIGURA 3: Foto aérea do município de Pocinhos.....31

FIGURA 4: Mapa do município de Campina Grande.....39

FIGURA 5: Mapa da região polarizada por Campina Grande.....41

FIGURA 6: Foto do centro comercial de Campina Grande.....41

FIGURA 7: Foto do antigo terminal rodoviário de Campina Grande.....45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A DINÂMICA ESPACIAL E OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS	12
1.1. O processo migratório.....	12
1.2. A migração: principais causas.....	18
1.3. A migração e sua relação com a cidade média.....	21
1.4. A mobilidade pendular na cidade média.....	26
2. POCINHOS/CAMPINA GRANDE E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO	29
2.1. Pocinhos: Aspectos geográficos e históricos.....	29
2.2. Pocinhos e a economia sisaleira.....	32
2.3. A origem de Campina Grande e sua influência sobre Pocinhos.....	38
3. A MOBILIDADE PENDULAR POCINHOS CAMPINA GRANDE	43
3.1. As consequências das proximidades para as ambas as cidades.....	43
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Há muito tempo os municípios de Pocinhos e Campina Grande e apresentam relações muito fortes nos setores econômico, social e até mesmo cultura, causando uma forte dependência do primeiro município em relação ao segundo. Os mais variados fatores favorecem essa dependência, enfocamos dois deles: a distância física e a fragilidade econômica encontrada na cidade de menor porte.

Esta tão íntima relação entre os dois municípios vem promovendo, ao longo dos últimos anos, os mais variados tipos de mobilidades espaciais, bem como o surgimento de uma hierarquia urbana, onde a cidade de economia mais forte tende a se sobrepor sobre aquela economicamente menos favorecida.

É importante destacar ainda que cidades do porte de Campina Grande oferecem serviços essenciais de saúde e educação, por exemplo, que não são encontrados nas cidades a ela subordinadas.

Campina Grande, portanto, acaba por se comportar como uma cidade central, onde sua hinterlândia influencia um grande espaço geográfico, impondo-se como um forte pólo de atração de pessoas com os mais variados objetivos, sobretudo a busca por um mercado de trabalho amplo e forte, que seja capaz de suprir as necessidades mais comuns de todo cidadão.

Das cidades inseridas no complexo urbano de Campina Grande, destaca-se o município de Pocinhos, cuja economia pouco dinâmica e estruturalmente enfraquecida, torna-se modelo de dependência econômica, social, bem como de serviços primordiais a população, mas que a cidade não oferece, a exemplo de saúde e educação.

Esta relação entre os dois lugares tem um aumento considerável a partir da década de 1980 com o declínio da atividade sisaleira, até então principal economia do

município de Pocinhos. Sem campo de trabalho e nem uma perspectiva futura, um número elevado de pessoas, sobretudo jovens, vão em busca de alguma forma de emprego na cidade vizinha, distante cerca de 30 km. Prática que vem se mantendo atualmente, o que promove o enfraquecimento da estrutura econômica de Pocinhos, que passa a desempenhar o papel de cidade dormitório, onde seus habitantes deslocam-se periodicamente, além de ter toda a sua vida voltada para a cidade de Campina Grande, seja no comércio ou em serviços de saúde e educação.

Buscando analisar estes fatores, este trabalho científico vem de modo metodológico e teórico compreender quais as principais causas, bem como consequências deste fenômeno para o município de Pocinhos.

Já no primeiro capítulo, o leitor terá acesso a um levantamento histórico de todo o processo migratório brasileiro, assim como um levantamento teórico da mobilidade pendular e suas consequências. No segundo capítulo, será estudada toda a formação espacial dos dois municípios e a importância de ambos no cenário econômico regional. O terceiro e último capítulo tem como principal abordagem os resultados da mobilidade pendular e o comportamento deste fator no município de Pocinhos.

Outro objetivo é a análise e discussão de como a aplicação de políticas públicas pode amenizar os efeitos da mobilidade pendular sobre a economia e a população do município de Pocinhos, principais atores deste fenômeno que vem se intensificando a cada dia em todo o país.

1. A dinâmica espacial e os movimentos migratórios

1.1 O processo migratório

Segundo Damiani (1991), os estudos geográficos sobre a migração ou deslocamentos populacionais devem envolver perspectivas históricas que acompanham o fenômeno desde a antiguidade até o presente. Diferentemente de outras ciências, a Geografia apresenta o tema como sendo um fator social presente no espaço e que envolve as mais diversas classes sociais e faixas etárias. Tais fenômenos como o de povoamentos e de urbanização jamais seriam compreendidos sem os processos migratórios.

Para Damiani (1991, p. 39),

Um fenômeno de importância mundial na Idade Moderna e que nos atingiu bem de perto, foi o grande êxodo da Europa. A emigração média ultramarina atingiu 377 mil indivíduos por ano, entre 1846-1890; cerca de 911 mil entre 1891 – 1920; e aproximadamente, 366 mil de 1921 – 1929.

A mesma autora ainda ressalta que mais de 50 milhões de europeus deslocaram-se para outros países. O maior contingente dirigiu-se para a América do Norte. Já os países da América Latina destacam-se Brasil e Argentina com os que mais receberam emigrantes originários daquele continente.

Dentre os diversos motivos que levam a esses deslocamentos destaca-se, segundo Damiani (1991), as condições de desenvolvimento do capitalismo no seu país de origem.

Segundo Pierre George, a migração não é apenas um deslocamento humano, indo muito além, para ele trata-se de uma irradiação geográfica de um dado sistema econômico e de uma dada estrutura social, podendo ser também um ato político.

No caso do Brasil, a imigração envolve, na sua maioria, uma população pobre e expropriada, o que leva José de Souza Martins a falar em sua obra *A imigração e a Crise do Brasil Agrário* que a maioria da imigração ocorrida para o Brasil era de pessoas oriundas principalmente da Itália, isso ocorreu, sobretudo, com desaparecimento do campesinato naquele país. Uma vez instalados aqui, principalmente em fazendas de café, esses imigrantes preservavam o modo de vida camponês.

Para o entendimento dos processos de movimento pendular faz se necessário uma revisão teórica e histórica dos processos migratórios ocorridos no Brasil. Na mais simples das definições, considera-se migração como sendo o ato de se deslocar de um local para outro, esses deslocamentos se dão por inúmeros motivos, exemplificados por Alípio Martins (2005), pelos conflitos e guerras, discriminação étnica, busca de melhores condições de trabalho, emprego e estudo qualificado, englobando, portanto, motivos sociais, naturais e religiosos.

O mesmo autor ainda mostra que, em termos modernos, o sentido dos movimentos populacionais ou migrações está intrinsecamente ligado aos processos de inserção do indivíduo no mercado de trabalho, o que faz com que o processo migratório seja um importante instrumento na produção da força de trabalho, isto em diferentes escalas espaciais como: regional, nacional ou mesmo internacional, além disso, o processo migratório é de fundamental importância no fenômeno de povoamentos, um exemplo foi a Região Norte do Brasil, onde um grande número de pessoas de outras regiões do país receberam incentivos para migrarem para aquela Região, tendo como principal intuito o desbravamento local.

Historicamente, Antônio Tadeu (2006) afirma, em seus estudos, que os processos migratórios estão intimamente ligados às etapas dos ciclos econômicos ocorridos no país. Este autor ainda destaca que tais deslocamentos populacionais são e devem ser tratados como elementos sociais, e o espaço como uma construção social, isto é construído pelas relações entre pessoas oriundas de locais distintos.

Os fatores sociais são considerados por Tadeu (2006) como elementos para a existência dos movimentos populacionais devido à íntima relação que esses elementos têm com a cultura, a economia, a política e demais fenômenos que promovem profundas mudanças na sociedade e que contribuíram, por sua vez, para a construção de novos espaços sociais.

De acordo com Tadeu (2006), o processo migratório brasileiro propriamente dito tem início no período colonial com a vinda dos colonizadores portugueses, espanhóis, holandeses, entre outros, que foram responsáveis por uma nova configuração do espaço brasileiro, pautados nas diversas atividades econômicas aqui difundidas, dentre as quais podemos destacar: o pau-brasil, a cana-de-açúcar, pecuária, mineração, borracha, e o café, que além de deslocar o eixo geográfico da economia, promoveu a ocupação de novos territórios e a aparição de novos núcleos de assentamento. (SINGER, 1973, MARTINE 1990, Apud TADEU, 2006).

Além dos colonizadores observou-se no país outro tipo de migração, onde os principais protagonistas eram os cativos oriundos da África, os escravos, como eram chamados em terras brasileiras, eram vendidos como objetos e submetidos a trabalhos árduos em vários segmentos. Existia, portanto, um comércio de pessoas que subjugadas aos seus senhores, eram obrigadas a se deslocarem para qualquer parte de acordo com a vontade e a necessidade de seus proprietários, dando origem, segundo Bassanezi (1995)

a um movimento de população forçado, que perdurou por três séculos e introduziu no Brasil cerca de 4 milhões de afro descendentes.

Além do deslocamento interno, os primórdios das migrações eram marcados pelas saídas de indígenas rumo a Portugal, de acordo com Manuel Corrêa de Andrade (2005), no século XVI a cada ano, uma média de 24 nativos eram exportados para terras portuguesas, mesmo existindo naquele país, inúmeros escravos Africanos.

A partir da primeira metade do século XIX surge uma nova modalidade de migração, os chamados movimentos internacionais, que tinham o objetivo de formar um contingente de mão-de-obra livre, intensificado ainda mais com o fim do tráfico negreiro. Pessoas das mais diferentes nacionalidades chegaram ao Brasil com intuito de trabalhar em diversas atividades, com destaque para a agricultura, sendo o café o principal produto cultivado e que estava em ascensão no oeste paulista e norte do Paraná, estes migrantes trabalhavam em forma de parceria (BASSANEZI, 1995 Apud TADEU 2006).

Embora estes imigrantes entrassem no país de forma livre, muitos deles chegaram aqui por conta de sérios problemas existentes em seus países de origem, a exemplo de guerras, miséria, fome, mão de obra excedente, e mais recente, a imposição de regimes políticos muitas vezes ditatoriais, como o nazismo e o fascismo que perduraram por anos na Alemanha e Itália, respectivamente. Estima-se que só no século XIX no período entre 1820 a 1876 cerca de 350 mil estrangeiros entraram no Brasil.

Os imigrantes chegavam ao Brasil oriundo, sobretudo, da Alemanha, Itália, Holanda, Espanha e demais países europeus e dirigiam-se principalmente para os estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. É comum, portanto, encontrar nestes estados características semelhantes aos países europeus, refletidos na cultura, culinária e arquitetura.

Algum tempo depois com o declínio da economia cafeeira e as profundas mudanças políticas ocorridas no país, o setor econômico passa por transformações nunca vistas antes, a industrialização passa a fazer parte do novo cenário econômico brasileiro, voltado para a substituição das importações e a integração do mercado interno.

O estado passa a desenvolver políticas públicas voltadas à saúde e educação, no mesmo período surgem as leis trabalhistas. Com os investimentos na saúde houve, portanto, uma redução significativa da mortalidade, contudo o país sofre um forte crescimento vegetativo, gerando, por sua vez, um excedente populacional, sobretudo nas áreas rurais, o que acarretou um forte crescimento dos fluxos migratórios, tudo isto baseado nas políticas de urbanização e industrialização que emergiam no Brasil.

Posteriormente veio o período desenvolvimentista, com o plano de metas (1956 a 1961) de Juscelino Kubitschek, e que foi marcado pela introdução no país da indústria pesada baseada no modelo de produção fordista, mas que visava à substituição das importações, modelo este importado dos Estados Unidos, e que demandava um grande contingente de mão de obra, um exemplo foi a indústria automobilística, que se instalou na região do ABC paulista e impulsionou ainda mais as migrações internas e absorção de mão de obra.

Os nordestinos foram os principais representantes destes deslocamentos populacionais, devido aos longos períodos de seca, os nortistas como eram popularmente conhecidos, deixavam suas terras em busca de emprego nos grandes centros. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte eram os principais destinos destes migrantes sendo este último em menor escala.

De acordo com Tadeu (2006), esse aumento no fluxo migratório, intensificou ainda mais o processo de urbanização no país, cidades como São Paulo viram sua

população crescer vertiginosamente, de acordo com dados do IBGE, na década de 1950 a região metropolitana de São Paulo teve um aumento populacional de cerca de 6,17% ao ano, praticamente o dobro dos valores encontrado no próprio estado de São Paulo (3,4% ao ano) e Brasil (3% ao ano).

Martins (2005) retrata o período compreendido pela década de 1970 como sendo o de maior deslocamento populacional, devido principalmente à modernização da agricultura que promoveu uma expulsão de um grande número de pessoas do campo, cujo principal destino era o trabalho na indústria e construção civil.

A década de 1980 considerado pelos economistas como a década perdida foi marcada, de acordo com Tadeu (2005), pela diminuição da natalidade e uma menor intensidade nos fluxos migratórios, o que ocasiona um menor crescimento das metrópoles. Porém, segundo Martins (2005) observa-se um aumento no número de desempregados e subempregados, isto é, a expansão da população excedente que passa a ocupar empregos temporários nas áreas de fronteira, formando, dessa forma, um contingente de trabalhadores informais.

Outro fator que marca a década de 1980 relata Tadeu (2005), o início de um novo tipo de movimento populacional, a migração internacional, ocorrendo a emigração de brasileiros, sobretudo para os Estados Unidos, Europa e Japão, bem como a imigração, onde paraguaios, uruguaios e coreanos entram no Brasil em busca de melhores condições de vida, muitos deles ilegais.

Enfim, pode-se notar que as movimentações populacionais ocorridas do período compreendido da década de 1980 até a atualidade baseia-se no fenômeno da desconcentração industrial e populacional, bem como a reestruturação produtiva somada à baixa atividade das metrópoles nacionais. É importante observar, portanto, uma substituição das movimentações moldada em cima de trabalhadores por uma migração

formada por estudantes que trocam suas cidades de origem por outras com melhor estrutura educacional.

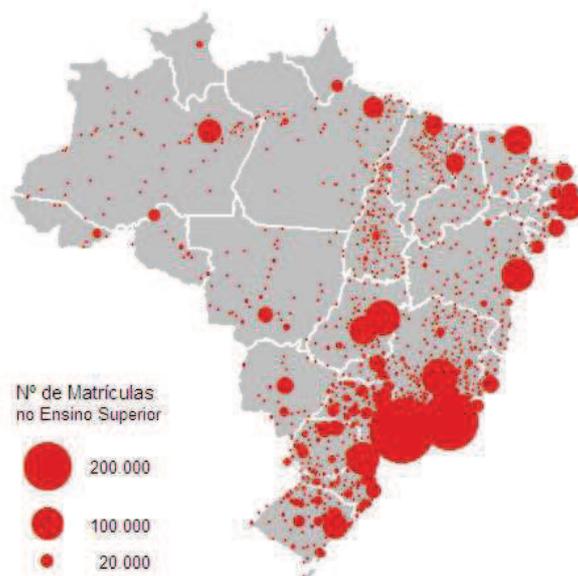


Figura 1: Mapa de identificação das regiões de maior fluxo de estudantes nas instituições de nível superior.

Fonte: Urban Systems Brasil

1.2 A migração: principais causas

Diversas são os motivos que levam o indivíduo a se deslocar de seu local de origem para outro, dentre os quais destacamos fatores econômicos. De acordo com Singer, 2002 *Apud* Araújo 2009 a parti da década de 1970 os imperativos do neoliberalismo provocam uma profunda alteração na divisão do trabalho aliado ao intenso processo de industrialização das áreas urbanas, transformando-as em áreas de atração demográfica.

Por outro lado, Becker (2006) afirma que esse avanço econômico das cidades traz um avanço ou mesmo uma reestruturação tecnológica de grande intensidade, promovendo um aprofundamento da exclusão social.

Se por um lado estes locais cujo avanço econômico é visível e torna-os locais de atração, por outro lado existem aqueles lugares em que a falta de uma estrutura econômica firme provoca a insatisfação e conseqüentemente a expulsão do indivíduo.

Portanto, as migrações ocorrem, segundo Renner e Patarra (1991), quando grupos populacionais se transferem de seus espaços de origem e buscam outros que ofereçam condições mais promissoras, relacionadas com a sobrevivência, a qualidade de vida, bem como a expectativa de progresso individual e coletivo.

Segundo Araújo (2009), no período contemporâneo no pós década de 1970 deixou de ser algo ligado exclusivamente à sobrevivência humana, passando a ser um elemento fundamental na manutenção da vida em sociedade; o mesmo autor, no entanto, considera esse modo de vida sedentário, capitalista e industrial. Sendo a migração entendida no modelo marxista, como sendo um movimento que atende exclusivamente ao modelo capitalista.

O mesmo autor ainda ressalta que:

A população crescente provoca a possibilidade de o capital se instalar onde for mais rentável, produzindo uma massa de desempregados, que remetem a uma iminente crise no mundo do trabalho da atual sociedade capitalista industrial.

Portanto, estando os movimentos populacionais, intrinsecamente ligados ao capitalismo, começam a partir da segunda metade do século XX que a migração tem seu maior crescimento, provocado pelo crescimento do setor industrial, somado ao notável desenvolvimento urbano que o Brasil vinha apresentado.

Além dos fatores econômicos, outros merecem destaque, a exemplo de fatores naturais como a seca, que por décadas expulsou milhares de nordestinos de suas terras. Em busca de melhores condições de vida, pessoas de todas as idades e de ambos os sexos migravam principalmente para as cidades do Sul e Sudeste, sobretudo para as

idades de São Paulo e Rio de Janeiro. Esse contingente era formado quase sempre por camponeses impossibilitados de produzir alimentos ou alimentar seus rebanhos, devido a longos períodos de estiagem.

Lopes (1973) aponta como fatores para a migração entre nordestinos o declínio da mortalidade, observados na região nas décadas de 1950 e 1960, aumentando o contingente populacional, gerando, por sua vez, uma força de trabalho excedente que, segundo o mesmo, autor ocupará três possíveis destinos: Grandes centros urbanos, empregar-se em força de trabalho temporárias em grandes propriedades rurais ou migravam para as fronteiras agrícolas, onde a existência de terras livres reproduziam a agricultura de subsistência.

Autores como Francivaldo Alves, em seu trabalho: *Modernidade, Agricultura e Migração Nordestina*, aponta a modernização do Brasil influenciada, sobretudo, pelo desenvolvimento da agricultura, que por décadas promoveu o desmatamento das florestas, e, por conseguinte, garantiu o povoamento dessas áreas desmatadas por colonos vindos originários, em sua grande maioria, da Região Nordeste.

Existia, portanto, uma preocupação muito grande por parte das autoridades da época de se povoar áreas do território nacional até então consideradas inóspitas fato este relatado por Alves (2007), baseado em relatório de Pedro Vicente de Azevedo, então presidente da Província do Pará, publicado em 1874:

Havia a preocupação de ocupar a região com indivíduos que se convencionou chamar de “homens laboriosos”, ...famílias que venham povoar a nossas vastas terras desertas e de braços livres que cultivem o fértil e riquíssimo solo que pisamos e sem aproveitá-los.

Podemos observar uma inquietação por parte das autoridades da época em constituir um “homem laborioso”, isto é, um colono que seja capaz não só de colonizar, mas aproveitar os recursos e riquezas oferecidas pela terra.

O ciclo da borracha, cuja primeira fase acontece no período de 1879 e 1912 foi um fator histórico de grande importância para deslocamento de milhares de nordestinos, principalmente do estado do Ceará. Estes migravam até a Região Norte para trabalharem em grandes seringais.

1.3 A mobilidade pendular e sua relação com as regiões metropolitanas

O termo mobilidade pendular é utilizado há muito tempo na Geografia e, segundo ANDAN, D'ARCIER e RAUX (1994) corresponde ao conjunto de deslocamentos que o indivíduo efetua, objetivando executar os atos de sua vida cotidiana, a exemplo de trabalho, estudo, compras, tratamento de saúde e em última estância o lazer.

Para Antônio de Ponte (2007), a mobilidade pendular está relacionada ao processo de deslocamento da população no território, num determinado contexto e tempo socialmente constituídos, ganhando especificidades e finalidades a partir das estruturas e das mudanças organizacionais da economia e da sociedade.

Segundo CASTELLO BRANCO, OLGA LÚCIA e ROSA MOURA (s/d) o estudo da dinâmica populacional metropolitana com base nos movimentos pendulares está vinculado a uma das linhas tradicionais da pesquisa em Geografia Urbana, servindo como base de identificação de locais de influências ou regiões funcionais, estas áreas geográficas são representadas por áreas de mercado de trabalho, áreas econômicas e áreas metropolitanas.

Quanto ao conceito de áreas metropolitanas, Adams (1995) ressalta que este termo relaciona-se a um sistema de assentamento orientado para a produção, que tem suas origens no século XIX com a “cidade industrial”. Nestes assentamentos os

deslocamentos para o trabalho assumem importância crescente, integrando o núcleo metropolitano, centro de produção, as áreas do entorno residencial. Neste mesmo período a feição territorial metropolitana dos países de economia avançada, era caracterizada por um núcleo urbano terceirizado com número crescente de sedes empresariais, de repartições governamentais, instituições financeiras, bem como atividades de apoio na prestação de serviços de vigilância.

Portanto, a forma urbana típica da cidade industrial do início do século XX naqueles países de economia avançada vai caracterizar as aglomerações metropolitanas de outros países em meados do século XX, sendo que, neste último caso, a expansão para a periferia se dá com a localização de áreas industriais e residenciais de baixa renda, isso devido à precariedade da infra-estrutura urbana, dinâmica do mercado de terras e do acesso ao mercado de trabalho (Abreu, 1987; Corrêa, 1989 e 1997; Antico, 2004).

Outro fator característico das áreas metropolitanas, de acordo com os mesmos autores, é a descentralização e fragmentação das unidades político-administrativas nas regiões periféricas, isso se dá por inúmeros motivos, que vai desde questões políticas até problemas de espaços.

De acordo com BEAUJEU-GARNIER (1980) a mobilidade pendular está em constante crescimento, tanto em número quanto em distância. A autora, que define os agentes deste fenômeno como “migrantes diários”, reconhece que há um grande número de pessoas envolvidas nesta movimentação diária, que é realizada pelo menos duas vezes ao dia. Esse crescimento se dá principalmente com uso de alguns meios de transportes mecânicos e certo grau de convergência, isto é, a tendência tecnológica e de mercado de integração de vários serviços, ou seja, avanço do meio técnico informacional.

O tema migração ou mobilidade espacial que vem ganhando grande destaque nos estudos urbanos, e segundo Rosa Moura (2005), as informações sobre deslocamentos domicílio-trabalho/estudo constituem importante referencial para análise dos processos de metropolização e expansão urbana; ela ainda ressalta que esses deslocamentos ocorrem entre distâncias cada vez maiores entre origem e destino.

Embora seja uma temática antiga na comunidade científica, os estudos propriamente ditos são recentes, o que promove a falta de literaturas a respeito do assunto, apesar disto, os poucos estudos realizados permitem a apreensão das novas dimensões do espaço intrametropolitano, o que pode contribuir para o alcance de novas formas do espaço urbano.

As áreas metropolitanas consistem em áreas onde uma cidade desempenha influência sobre as demais, geralmente a cidade central engloba complexos industriais e um comércio bastante diversificado. Estas áreas no geral são áreas poluídas e com grande fluxo de pessoas promovendo uma segregação espontânea da população para as cidades no entorno da metrópole, isto se dá também pelo alto custo de vida existente nas grandes cidades, inviabilizando, portanto, a estadia permanente naquele local.

O desenvolvimento tecnológico e o avanço do meio técnico científico informacional vêm contribuindo muito com esta mobilidade espacial. Dupuy (1995) considera o automóvel como um dos maiores responsáveis pela gama e variedade de movimentos no desenrolar da vida cotidiana de uma grande cidade.

O autor ressalta ainda que o “sistema automóvel” cria uma nova ecologia e uma nova economia nos deslocamentos humanos, capaz de transformar a cidade anterior, compondo, recompondo e decompondo novos territórios.

Além do automóvel, o sistema de transporte público também contribui para o deslocamento populacional entre a origem e o destino que pode ser tanto por ônibus, trens urbanos ou mesmo metrô, que na maioria das vezes funciona de forma precária.

De acordo com o censo de 2000, 7,4 milhões de pessoas trabalham ou estudam fora de seu município que residem, o que representa 6,66% das pessoas que trabalham ou estudam. Rosa Moura (op.cit.) destaca que algumas áreas referem-se a unidades regionais, cujos municípios apresentam características rurais, é o caso das áreas de expansão das RMs catarinenses polarizadas pelas cidades de Florianópolis, Criciúma e Tubarão, e na de Minas Gerais, representada pelo Vale do Aço, polarizada por Ipatinga.

Outro exemplo é a cidade de Santos, no litoral do estado de São Paulo, que possui a mais elevada proporção de deslocamento entre os pólos, esta cidade também supera em proporção as demais cidades da RM.

A região Metropolitana de São Paulo responde por 54,8% dos que trabalhavam ou estudam fora do município de origem, tendo como principais destaque os municípios de Osasco (116 Mil pessoas), São Paulo (114 Mil Pessoas), Santo André (95 MIL pessoas) Guarulhos (94 Mil Pessoas), apresentando assim os maiores contingentes, entre os residentes na RMSP que trabalhavam ou estudavam fora do município de residência 91% faziam nos municípios da própria RMSP, 6% em outras UFs ou países e outros 3% em outros municípios do interior de São Paulo (ANTICO, 2004).

Eduardo Pessoa de Queiroz (2006) relata que a procura por localidades que historicamente oferecem melhores condições para as pessoas ainda é uma prática muito persistente no país. Na atualidade, novos centros de atração populacional ganham um espaço antes ocupado por pólos tradicionais como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, as quais vêm apresentando índices mais baixos de migração.

Ainda de acordo com Queiroz (op.cit), estes polos tradicionais vêm sendo substituídos, entre outras, pelas cidades de Brasília e Goiânia, cidades bem menores, além de receberem fluxos populacionais vindos de outras regiões do Brasil, há a existência da migração pendular, e que resulta principalmente da formação de verdadeiras regiões metropolitanas nestas duas cidades.

Para o autor, Brasília surgiu em uma época de transição em que o Brasil deixava de ser rural para torna-se urbano. A nação neste período passava por mudanças principalmente na constituição de novos espaços de exploração, um exemplo foi a transferência das fronteiras agrícolas para as regiões Norte e Centro-Oeste, paralelamente houve a expansão urbana, portanto Brasília e Goiânia são exemplos deste processo.

Além destes aglomerados urbanos, outras regiões destacam-se na questão da mobilidade espacial ou migração pendular, promovendo desta forma mudanças significativas no espaço geográfico. Estas transformações ocorrem em municípios de pequeno, médio e grande porte que estão sobre influência de um centro de maior importância, o que deve também ser levado em conta na pesquisa.

A especialização do lugar é um dos fatores condicionantes para a atração de um grande contingente de pessoas em busca de inúmeros objetivos, objetivos estes tanto no âmbito profissional, intelectual ou mesmo cultural, sendo a questão da busca por trabalho o fator predominante.

É observado no Brasil um aumento significativo no setor de serviços ou terciário, Milton Santos (1997) relata que o meio técnico científico informacional é um dos elementos mais importantes para essa transformação no espaço, para ele há uma sobreposição da produção não material sobre a produção material, que para o autor é sinônimo de urbanização.

Para Milton Santos (Op. cit), o aumento na produção não material se dá devido, sobretudo, ao crescimento do trabalho intelectual, refletindo nos mais variados setores a exemplo dos serviços, educação, lazer, informações e outros elementos que promovem um aumento cada vez maior do processo de urbanização e uma dependência maior do campo em relação à cidade.

No caso das regiões metropolitanas e seu entorno, essa dependência se acirra ainda mais devido à melhoria no sistema de transporte, indicado por Dupuy (2005), o que possibilita uma melhor locomoção do indivíduo e elevação das distâncias percorridas. Por outro lado Sallez e Vérot (1993) apontam que, com a extensão das cidades, crescem os escritórios e ateliês, o que promove um aumento das migrações cotidianas e dos deslocamentos, por outro lado, houve uma desconexão do emprego e a diluição do habitat.

Em contra partida, CASTELLO BRANCO, OLGA LÚCIA e ROSA MOURA (s/d) afirmam que com a expansão física das aglomerações urbanas, as distâncias residência/ trabalho ou local de estudo tendem a aumentar, inviabilizando ou encarecendo os movimentos pendulares, o que implica a migração propriamente dita.

1.4 A mobilidade pendular na cidade média

Por outro lado, deve-se enfocar a crescente presença das cidades de porte médio nos processos de mobilidade pendular que, de acordo com Cristiano Stamm e Jefferson Andronio (2008), ainda pouco presente nas literaturas especializadas, tem se observado que as cidades consideradas médias, sobretudo as do interior, têm atraído um contingente cada vez maior de pessoas que buscam melhores condições de vida.

As pesquisas realizadas por Stamm e Andronio tiveram como foco principal as cidades médias do estado do Paraná, mais precisamente os municípios de Toledo e Cascavel, distantes entre si cerca de 35 km. De acordo com os autores, sua economia é baseada na produção de grãos e na indústria de alimentos, observa-se, portanto, uma especialização da região, comum a cidade média. Cidades como Campina Grande se destacam cada vez mais no setor de serviço, bem como na educação e nos serviços de saúde, fator que faz com que o município atraia um grande número de migrantes oriundos das cidades circunvizinhas que, por sua vez, não dispõem de estruturas para atender seus munícipes.

De acordo com Fábio Maia Pereira e Mauro Borges Lemos (2003), no Brasil o desenvolvimento econômico apresentou uma concentração até o início da década de 1970, fato este observado principalmente na região de São Paulo. A partir de então inicia-se um processo de reversão da polarização, ocorrendo em sua primeira etapa um espraiamento do processo industrial em nível nacional. (Diniz, 1993 *Apud* PEREIRA E LEMOS, 2003) aponta uma reconcentração da atividade industrial em outras áreas geográficas a exemplo de Belo Horizonte – Uberlândia – Londrina/Maringá – Porto Alegre – São José dos Campos – Belo Horizonte.

Ainda de acordo com os autores, uma das causas dessa desconcentração industrial na região de São Paulo foram as cidades médias, especialmente as do Sul e do Sudeste, que se tornam potenciais na absolvição dessas empresas, visto que, possuem algum tipo de economia de aglomeração e, ao mesmo tempo, que não incorrem de deseconomias de aglomerações, isto é, um aumento nos preços médios da produção, comum nas grandes metrópoles.

Além disso, observa-se uma especialização dessas pequenas cidades, sobretudo, na área agroindustrial, setor que mais favorece o desenvolvimento dessa modalidade de aglomerações continuamente e com isso atender à produção de seu entorno (Soares s/d).

De acordo com Santos (1993), esse desenvolvimento é facilitado pelo avanço tecnológico nas telecomunicações, que reduzem significativamente a presença real, possibilitando, portanto, aos órgãos e empresas estarem em diferentes lugares ao mesmo tempo, independente do local ou distância.

Nota-se, segundo Soares (s/d), uma revalorização dos espaços locais, juntamente com os impactos das políticas públicas reiteram a existência da cidade média como um espaço de atração de pessoas, bens e capitais que cria uma rede de relações recíprocas com o entorno regional em múltiplos planos, sob vários aspectos, reforçando suas particularidades.

A mesma autora ainda chama atenção para a importância de se estudar essas cidades, identificando as possibilidades de circulação de pessoas, mercadorias, informação e valores, pois esses valores intensificam as relações entre as cidades e suas regiões e ao mesmo tempo as tornam diferentes uma das outras.

Soares (s/d,) estudando as relações socioespaciais nas áreas do cerrado mineiro, afirma que:

No Brasil, ao mesmo tempo que as cidades médias dinamizam vários pontos do território, elas também capitalizam os recursos dos centros urbanos vizinhos. Enquanto deles enfrentam precárias condições de existência, as cidades médias polarizam atividades e recurso e, conseqüentemente, promovem o esvaziamento de funções tradicionais em outras cidades.

Além disso deve se considerar que:

Os espaços da cidade média se sofisticam e se diversificam, enquanto grande parte dos centros menores se vê privado de equipamentos, empregos e condições de vida. Mesmo assim constata-se que, nas pequenas cidades, ainda existem importantes fatores de produção, que as vezes não estão mais presentes nas grandes e médias cidades tais como matéria prima, mão de obra barata e por vezes qualificada, proximidade aos mercados rurais e baixo custo dos terrenos, entre outros fatores atrativos de cunho cultural, social e ambiental

2. Pocinhos/Campina Grande e a formação do espaço

2.1 Pocinhos: Aspectos geográficos e históricos

O município de Pocinhos localiza-se na Mesorregião do Agreste Paraibano, mais especificamente na Microrregião do Curimataú Ocidental, a uma latitude de 7°04'54" Sul e longitude de 36°04'36" Oeste e dista 158,40 km de João Pessoa, capital do Estado. O acesso é feito a partir de João Pessoa pelas Rodovias BR 230 e a PB 121. Compreende uma área total de 629,52 Km², cerca de 1,08% do território paraibano, 0,0405% da região Nordeste e 0,0074% de todo o território nacional. Pocinhos limita-se com dez municípios: Soledade, Boa Vista, Campina Grande, Puxinanã, Montadas, Areial, Esperança, Algodão de Jandaira e Olivedos. A maior a maior parte destes municípios exerce influência sobre Pocinhos, que está localizado a uma altitude de 640 metros em relação ao nível do mar.



Figura 2: Mapa Município de Pocinhos

Fonte: Território scuola

Pocinhos insere-se no bioma da caatinga, caracterizado por um clima seco com vegetação de transição da Mata subcaducifólia para a vegetação Xerófila, formada basicamente por cactos, vegetação rasteira e arbustiva.

De acordo com o CENSO 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada é de 17,020 habitantes, destes, 9,615 estão na zona urbana e 7,405 estão na zona rural. A densidade demográfica é de 27,1hab/km². O seu índice de desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,592, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humanos PNUD (2000).

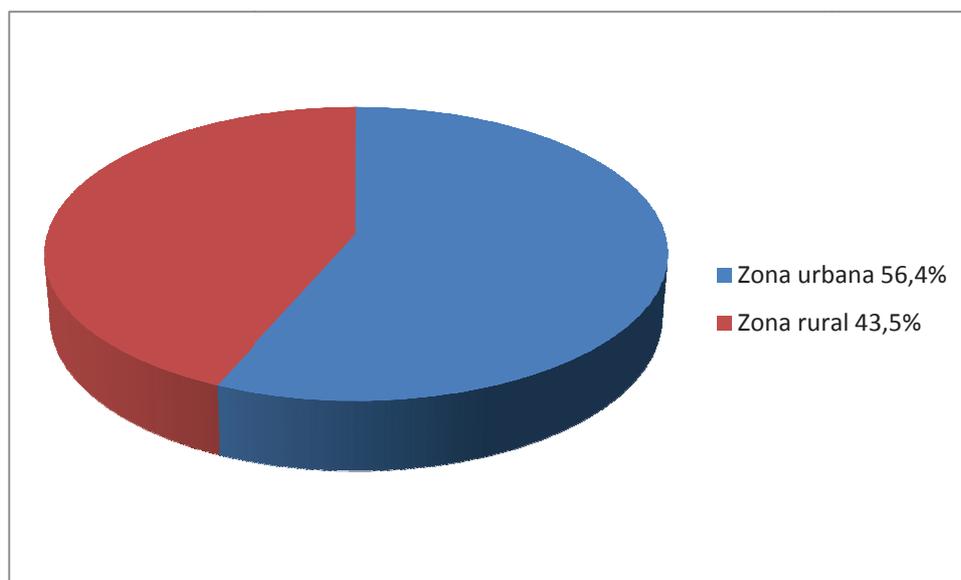


GRÁFICO 1: Distribuição populacional no município de Pocinhos
Fonte: IBGE (2010)

São registrados 3.313 domicílios sendo 1.147 na zona urbana e 1.558 na zona rural, registra-se ainda 548 domicílios particulares permanentes com banheiros ligados a rede geral de esgoto, 1,639 domicílios particulares permanentes com abastecimento ligados a rede geral de água e 1.858 domicílios particulares permanentes têm lixo coletados.



Figura 3: Vista aérea do município de Pocinhos
FOTO: Juscelino (2009)

Existem em todo o município 46 leitos hospitalares, em 10 estabelecimentos de saúde, sendo que destes dez, nove são Estabelecimentos prestadores de serviços ao SUS. Na área de educação, segundo o MEC, são contados 3.849 matrículas, estando 3.307 no ensino fundamental e 542 estudantes no ensino médio.

A renda per capita do município de Pocinhos é de aproximadamente 3,137 reais, a economia é baseada na agricultura de subsistência, comércio e mineração em pequena escala, porém, esta estrutura econômica não supre as necessidades da população local, tendo que recorrer a outras fontes como o Fundo de Participação dos Municípios (FMP). Contudo, a receita municipal é de R\$ 13.735.696. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a renda advinda dos três setores da economia, agropecuário, industrial e de serviços são de 5.260, 5.670, 30.289 respectivamente, a despesa do município gira em torno dos R\$ 13.769.804 (IBGE, 2000). O PIB do município é estimado em R\$ 32.535.788,00, enquanto o PIB per capita é de R\$ 2.164,58 (IBGE 2003).

Pocinhos teve sua origem em torno de uma fonte e de um campanário homenageando Nossa Senhora da Conceição. Seu nome originou-se da existência em um determinado local de pequenos poços de água potável, a princípio Pocinhos era distrito de Campina Grande, passou a ser chamada de Joffily, pelo decreto-lei estadual nº 520, de 31 de Dezembro de 1943. Posteriormente foi elevado à categoria de município sob a denominação de Pocinhos, pela lei estadual nº 986, de 10 de Dezembro de 1953, desmembrando-se definitivamente de Campina Grande.

2.2 Pocinhos e a economia sisaleira

Entre as décadas de 1950 e 1980, o sisal predominou no cenário econômico do município de Pocinhos. Por quase três décadas a atividade sisaleira foi responsável pelo desenvolvimento da indústria, comércio e setor de serviços.

O sisal é considerada a principal fonte de extração de fibras duras do mundo. Atualmente, o Brasil e alguns países africanos respondem pela quase totalidade da produção sisaleira mundial, foram desenvolvidas várias técnicas de produção, colheita e desfibramento, de acordo com as condições locais.

Segundo ElGamassy, (1974), a sisal é uma planta xerófila, suportando secas prolongadas e altas temperaturas, eventos bastante comuns no semi-árido brasileiro, dessa forma apresenta larga vantagens em ambientes xéricos, a exemplo da região do cariri paraibano, espaço onde está sendo realizado o estudo. Esta planta não exige muita luminosidade, além disso necessita de pelo menos 400mm pluviais por ano, o que equivale a 4000m³/hectare/ano, quanto a temperatura esta planta suporta de 20°C a 28°C. Nas condições do Nordeste brasileiro, a sisal se desenvolve bem em locais com altitudes de até 600 metros e regime de precipitação pluvial em de 400mm a

1200mm/ano, não é considerada uma planta exigente, embora necessite de uma grande quantidade de cálcio, não tolera altos níveis de salinidade do solo nem áreas de baixa drenagem.

Todas essas características físicas foram fundamentais para o desenvolvimento da cultura da sisal na região Nordeste do Brasil, sendo os estados da Bahia, Paraíba, Rio grande do Norte os maiores produtores. No caso da Paraíba, um dos municípios que se destacou durante três décadas foi o município de Pocinhos

A agave sisalana ou agave rígida (Emília Moreira, 1997), foi a espécie de sisal mais utilizada no Brasil, expandiu-se no Agreste paraibano na década de 1940 e foi a que se destacou no município de Pocinhos. Originária de regiões montanhosas das Américas e do México, mais precisamente em Yucatan, a agave, como é mais conhecida, apresenta sistema radicular fibroso em forma de tufo de onde se extrai uma fibra bastante dura e com elevados teores de celulose, adaptou-se bem a região semi-árida local.

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) desde o início da implantação da cultura sisaleira no país, o processo de extração da fibra é exatamente o mesmo, não havendo, portanto, nenhum avanço tecnológico nesta área; em função disso, a produção brasileira é muito baixa, em detrimento a outros países produtores, que desenvolveram tecnologia mais avançada, fazendo com que se tenha uma produtividade quatro vezes maior que a produção brasileira. Estima-se que apenas 4% da fibra da agave seja extraída, um percentual muito baixo, se comparado com países como o México, onde os produtores conseguem preços 30% superiores aos alcançados aqui.

Mesmo com a falta de tecnologia, a sisal foi responsável por um notável desenvolvimento do município de Pocinhos, no auge da cultura, que se deu nos períodos

que vão da década 1960 e de 1970, a população pocinhense observou um significativo crescimento na economia, elevando os padrões de vida do município.

Segundo Emília Moreira, o desenvolvimento da cultura sisaleira na região agrestina se deu, sobretudo, devido à revalorização da terra, abertura de novas estradas, renovação das habitações dos proprietários de terra, a exemplo dos senhores de engenho residentes no Brejo, outro fator que foi a sazonalidade do emprego rural.

Para a autora, o período áureo da cultura sisaleira foi a década de 1950, quando esta cultura serviu de sustentáculo para a economia das Microrregiões do Curimataú Oriental e Ocidental, do Seridó Oriental do Brejo e de Campina Grande bem como as cidades circunvizinhas.

As etapas de produção do sisal vão do plantio passando pela limpeza, colheita, o desfibramento das suas folhas em máquinas desfibradoras, popularmente conhecidas como motores de agave e por fim a secagem da fibra, todo esse processo requer uma numerosa mão de obra, podendo ser uma força de trabalho adulta (homens e mulheres) como infantil, geralmente filhos dos trabalhadores.

Todo o processo de produção do sisal citado acima gerava inúmeros postos de trabalho, de acordo com Emília Moreira (Et. al), essa cultura contribuiu muito para a redução do desemprego sazonal na agricultura. Os trabalhadores do sisal eram trabalhadores assalariados e ganhavam por produção, esse processo contribuiu de forma significativa para a monetarização das relações de trabalho na agricultura agrestina.

Surgem inúmeros postos de trabalho, os cortadores, que retiravam as folhas, uma vez cortadas, as folhas eram levadas até o desfibrador, ou simplesmente “motor de agave”, esse equipamento era operado por duas pessoas, chamadas de “puxadores de agave”, o processo finaliza-se com o “bagaço” responsável pela retirada do bagaço

resultante do desfibramento, o produto final, isto é, a fibra após o processo é colocada ao sol para secagem, só então são montados os fardos para serem comercializados.

A partir da década de 1960 chega ao Brasil uma nova espécie de sisal oriunda da África, esta nova planta juntamente com as fibras sintéticas e um prolongado período de seca nos anos seguintes levou a um declínio da atividade sisaleira no município de Pocinhos, Milton Santos aponta essas modificações como sendo verticalidades que desorganizam o território, trazendo novos conteúdos e modificando as relações sociais. O declínio da sisal teve sua maior ênfase no início da década de 1980, neste mesmo período o grupo Votorantin instala em Pocinhos a Companhia Nordestina de Papel (CONPEL), cuja atividade principal era a extração da celulose da agave, vindo de perto a decadência do sisal, produtores não tiveram outra alternativa senão vender o que restou das plantações de agave para esta empresa que pagava um preço muito baixo pelo produto.

De acordo com a Cooperativa Agropecuária Mista de Pocinhos Ltda. (CAMPOL), houve uma queda significativa na produção de sisal nas últimas décadas. No período áureo da produção, existia no município uma área estimada em 11.000 hectares da agave, onde a produção ultrapassava as 200 toneladas/mês. Atualmente esta área é de apenas 4.500 hectares e produção de 130 toneladas/mês.

A cooperativa conta com 65 cooperados abrange todo o município de Pocinhos, bem como os municípios circunvizinhos, inclusive Campina Grande. A média de produção de cada cooperado varia entre 10 a 20 toneladas/mês.

O principal destino da fibra do sisal são os estados da Paraíba e Pernambuco, mas a cooperativa atende outros estados, fornecendo fibra para diversas indústrias, com destaque para a de cordas e barbantes, outro destino é a produção de artesanato. O preço

do kg. é de R\$ 0,95 para a fibra do tipo 2 e R\$ 0,93 para a fibra do tipo 3, no momento não está sendo produzida a fibra do tipo 1, isto é a de melhor qualidade.

Apesar da queda na economia sisaleira, observa-se um bom desempenho do setor, já que muitos dos produtores conseguem uma boa renda mensal. Mas preocupação principal, segundo o presidente da Campol é a redução da mão de obra no processo de desfibramento, pois muitos dos operadores das desfibradoras são pessoas de idade, que devido à aposentadoria, estão deixando a atividade, nos últimos 2 anos cerca de 10 desfibradoras pararam de funcionar, visto que os mais jovens não querem seguir com a profissão.

De acordo com Melo (2005), uma drástica diminuição nas atividades comerciais foram registrados no município de Pocinhos. Os comerciantes perderam considerável parcela de clientes, cuja renda era originada da produção sisaleira e passaram a depender basicamente de aposentados, pensionistas e funcionários públicos.

Empresários dos mais variados setores que lucraram com a produção a produção sisaleira declaram falência aos seus negócios, levando a quebra de diversas atividades comerciais a exemplo de lojas de roupas, armarinhos e sapatarias. Outro setor afetado foi o de serviços. A partir de então, os pocinhenses passam a recorrer às cidades vizinhas, sobretudo Campina Grande, distante 30 km.

Outro fator a ser destacado é o índice de desemprego do município, grande parte da população por não ter opção de trabalho em Pocinhos migra para outras cidades, sendo a sua maioria empregada em firmas de Campina Grande, realizando uma mobilidade espacial, que vai desde migrações permanentes aos chamados movimentos pendulares, este último ocorre quando um determinado número de pessoas que compõem o PEA (População Economicamente Ativa) deixa suas residências nas cidades de origem, antes do horário comercial, para chegar ao trabalho, e só retornam ao

final da tarde ou do expediente, estas por sua vez podem ser do tipo quinzenal, semanal ou diária.

Mas esse tipo de deslocamento populacional não é realizado apenas por trabalhadores, mas estudantes de nível fundamental e médio estudam em Campina Grande. A grande maioria destes estudantes buscam instituições particulares que não existem no município de Pocinhos. Outro grupo de estudantes frequenta escolas públicas, sobretudo estaduais, alegando uma melhor qualidade do ensino público no município de Campina Grande.

Outro grupo de estudantes são os de nível superior, atraídos por universidades sediadas em Campina Grande, sobretudo públicas, a exemplo da UEPB e UFCG. Há, também, estudantes matriculados em instituições particulares.

O fator saúde também ocasiona um deslocamento populacional no município, possuindo um sistema hospitalar que não corresponde às necessidades locais, muitos moradores recorrem aos centros de saúde no município vizinho de Campina Grande, problemas simples como fraturas e partos não são mais realizados em Pocinhos. De acordo com a secretaria municipal de saúde, todos os dias, dezenas de pocinhenses se deslocam até Campina Grande com intuito de tratar problemas de saúde, o que provoca uma superlotação dos centros de saúde campinenses, fato este que poderia ser evitado se houvesse uma reestruturação do sistema de saúde de Pocinhos.

Segundo Lima Ramires (2006), em muitas cidades médias há um crescimento do número e da diversidade nos serviços de saúde, isso se dá devido a uma melhora na diversificação das atividades ligadas a esse setor, especialmente nos serviços de alta complexidade, materializados no espaço geográfico e expresso nos sistemas de engenharia.

Travassos (2000 *apud* RAMIRES, 2006, p. 173), diz que o sistema brasileiro de saúde é formado por um mix de serviços públicos e privado, destacando-se uma ampliação nos serviços privados face à precarização dos atendimentos nos estabelecimentos públicos, o que gera um dinamismo econômico nas cidades médias, já que estas assistem, nos últimos anos, a um crescimento do setor privado de saúde, a exemplo de clínicas particulares, cooperativas médicas e a utilização de planos de saúde, sobretudo pela classe média.

2.3 A origem de Campina Grande e sua influência sobre Pocinhos

De acordo com o censo 2010 do IBGE, Campina Grande possui uma população de 385.276 habitantes e uma área de 620.63 km² e localiza-se na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião da Borborema, com longitude e latitude compreendidas entre -35.881° e -7.231° respectivamente, a altitude da sede está em torno dos 551m.

A densidade demográfica do município no ano 2010 era de 621,4hab/Km², e é considerada a segunda cidade mais populosa da Paraíba ficando atrás apenas da capital João Pessoa, da qual dista cerca de 130 km. O seu território limita-se com doze municípios representados por Fagundes, Queimadas, Caturité, Boqueirão, Boa Vista, Pocinhos, Puxinanã, Massaranduba, Riachão do Bacamarte, Ingá, Itatuba e Lagoa Seca.

Considerada como um dos pólos tecnológicos da Região Nordeste do Brasil, Campina Grande foi fundada em 1º de dezembro de 1697 sendo elevado à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864. Ao longo de seus quase 200 anos de história a cidade destaca-se nas áreas de informática, saúde e educação, este último sendo representado

por duas universidades: Universidade Estadual da Paraíba e a Universidade Federal de Campina Grande.

Outros setores de destaque em Campina Grande são o comércio varejista e a indústria, sobretudo a têxtil e caçadista, sediando até empresas multinacionais. A receita anual do município, de acordo com o IBGE, é de cerca de R\$ 275.819.537,51 enquanto suas despesas giram em torno dos R\$ 238.892.331,94, a maior parte dessa receita é originário do setor industrial que responde por 814.731, bem superior que o setor agrícola que é representado por apenas 11.843 a renda per capita é de 226,09.

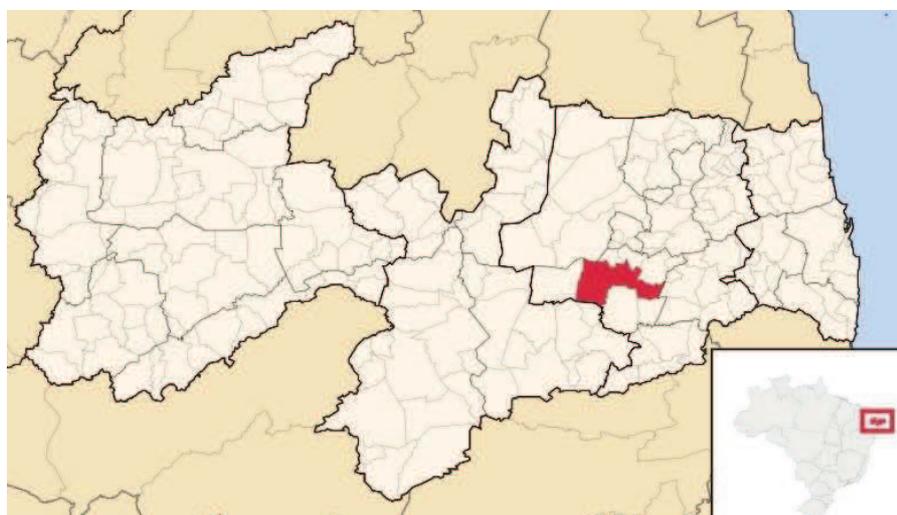


Figura 4: Mapa do município de Campina Grande

Fonte: Território scuola

De acordo com a classificação do IBGE, a cidade de Campina Grande se enquadra como uma cidade de porte médio, exercendo função de capital regional, com influência sobre todas as cidades em seu entorno, isso se dá devido ao seu comércio varejista bem desenvolvido, bem como um bom sistema de saúde e educação, ainda deficitário nos municípios circunvizinhos.

Alguns fatores são levados em consideração ao classificar uma cidade do porte de Campina Grande como sendo uma cidade média, Lobato Corrêa (2006) aponta três, que define como dificuldades para conceituação, são eles: Tamanho demográfico absoluto, que deve ser relativizado, por exemplo, uma cidade com uma população de

duzentos mil habitantes em países como Estados Unidos, Finlândia e Brasil, têm sentidos diferentes, pois apresentam organizações distintas de urbanização, outra dificuldade, seria a escala espacial de referência, Aracajú, por exemplo, pode ser concebida como cidade média na escala nacional, mas a nível de estado aparece como uma macrocefálica cidade, e por fim o último fator ou dificuldade que seria a escala temporal, considerando que uma aglomeração com cerca de 100.000 habitantes têm significados diferentes quando referenciados a 1940, 1960, 1980 e 2000.

Para Milton Santos (2006), as cidades médias são pontos de interseção e superposição entre verticalidades e horizontalidades, isto é, pontos de poder (vertical) e pontos de solidariedade e interesse comum (horizontal). Estas cidades oferecem os meios para o consumo final das famílias e administrações, bem como para o consumo intermediário das empresas, funcionando como produtoras de bens e serviços exigidos por elas próprias e por seu entorno.

Ainda de acordo com Santos (2006), a cidade média possui uma atividade urbana claramente especializada, isto graças às suas relações próximas e necessárias com produção regional, isto explica porque durante muito tempo Campina Grande destacou-se na comercialização do algodão, produto oriundo das cidades circunvizinhas.

De acordo com Roberto Lobato Corrêa (2007), o desenvolvimento de novas funções urbanas, nas cidades médias, criadas por grupos locais ou mesmo regionais e extra-regionais, suscita o aumento demográfico e a multiplicação de novas atividades, atividades estas já existentes, é o caso do setor comercial e do setor de saúde.

No caso de Campina Grande, estes serviços acabam sendo estendidos a outras cidades ao seu redor, Corrêa ainda chama atenção para o tamanho demográfico, este elemento também tem nítidas relações com as características do espaço intra-urbano, quanto maior o tamanho demográfico, maior será o espaço intra-urbano, por sua vez

mais complexas serão as atividades econômicas as funções urbanas serão mais fragmentadas, isso gera uma cidade mais articulada.

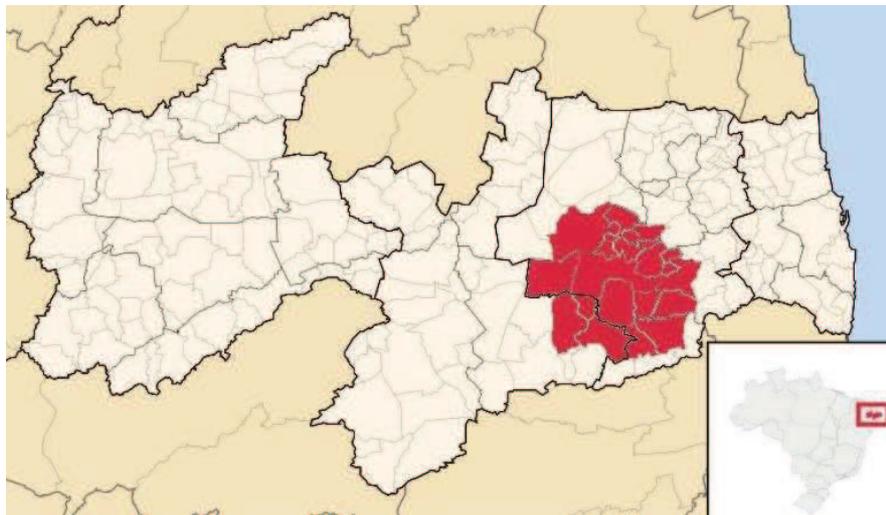


Figura 5: Mapa destacando a área de influência de Campina Grande
Fonte: Território scuola

Atualmente o município de Campina Grande vem se destacando no setor de informática, sendo sede de empresas de tecnologia que exportam software para diversos países, sendo considerado um pólo tecnológico.

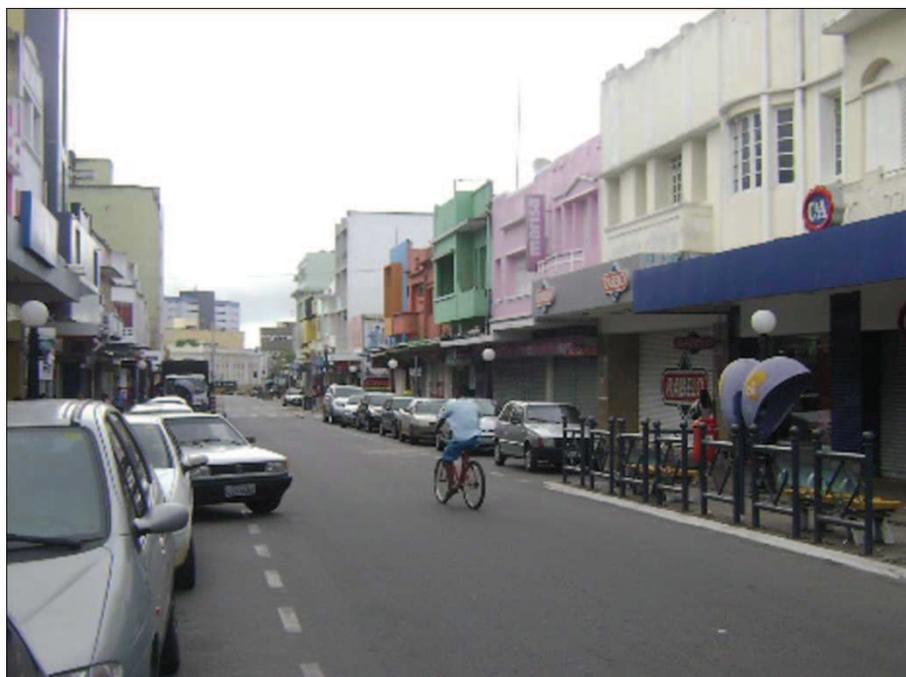


Figura 6: Centro comercial de Campina Grande
FOTO: Mário (2011)

De acordo com o IBGE, existem em Campina Grande 7,402 empresas atuantes, que empregam por volta de 64, 800 pessoas. Estas empresas atuam em diversos setores.

3. A mobilidade pendular Pocinhos – Campina Grande

3.1 As consequências da proximidade para ambas as cidades

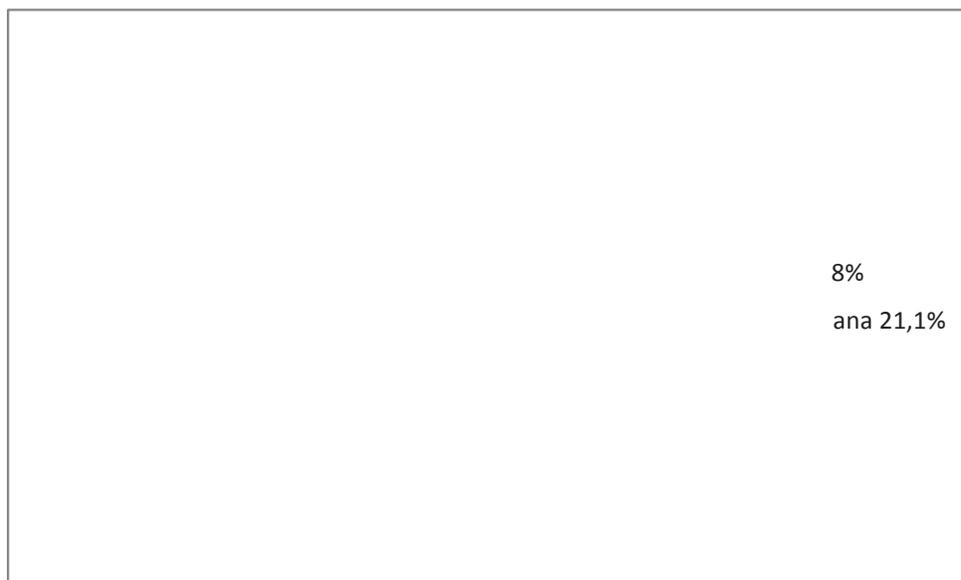
De acordo com Araújo (2009, p. 38), quanto maior a for a urbe maior será sua centralização e, conseqüentemente sua disponibilidade de serviços será maior, aumentando desta forma sua disponibilidade de empregos e renda para todos os que ali residem, tornando se também, como já foi abordado anteriormente, um grande centro de atração de trabalhadores vindos de regiões circunvizinhas.

Baseado nestes fatores, percebe-se Campina Grande como sendo uma cidade central, cujo funcionamento exerce forte influência sobre inúmeros municípios ao seu redor, dentre os quais Pocinhos, gerando por sua vez um grande fluxo migratório entre os dois municípios, destacando-se principalmente a migração pendular, que podem ocorrer tanto diariamente, semanalmente e/ou quinzenalmente, sendo a primeira modalidade a mais comum.

Ainda segundo Araújo, além dessa centralização exercida por Campina Grande, existe também o fator da proximidade geográfica entre os dois municípios, somando-se a isso existe a facilidade de deslocamento encontrada pelos munícipes. Hoje o município de Pocinhos conta com uma empresa de ônibus que oferece o serviço regularmente das 05h00min da manhã às 17h00min, além do serviço de vans, popularmente conhecidos como alternativos, havendo também o serviço de transporte oferecido pela prefeitura, não esquecendo daqueles que possuem seu próprio meio de locomoção.

Segundo dados levantados junto a Viação Pocinhense, única empresa que detém o serviço de transporte no município de Pocinhos, cerca de 3.500 pessoas se deslocam

de Pocinhos a Campina Grande todos os dias, sendo os maiores fluxos registrados nos dias úteis, dados coletados e fornecidos pela empresa Viação Pocinhense, que contabilizou, durante uma semana, a saída e entrada das pessoas que utilizaram seus veículos, no período de 08 de janeiro de 2010 a 15 de janeiro de 2010, sendo obtidos os seguintes resultados:



GRÁFICA 2: Fluxo de pessoas em dias úteis e finais de semana
Fonte: Viação Pocinhense.

Foi observado também na pesquisa que o maior fluxo de pessoas se dá no horário da manhã, entre 06h00min e 09h00min. Merece destaque também o período de 16h00min às 18h30min onde é observado um fluxo de retorno ao município de Pocinhos.

Além das pessoas que se deslocam para trabalhar, merece destaque aqueles que vão apenas para fazer compras no comércio campinense, sendo observado, que a maior parte desse público desloca-se no período da manhã entre 08h00min e 09h00min retornando ao município de Pocinhos antes das 12h00min.

O transporte feito pelas vans, chamada localmente de alternativos, tem praticamente o mesmo horário da empresa de ônibus, sendo que por ser um veículo de

menor capacidade, transporta uma quantidade menor de passageiros, sendo o valor da passagem menor, se comparada com o da empresa de ônibus.



Figura 7: Antigo terminal rodoviário de Campina Grande, principal local de saída dos ônibus para as cidades circunvizinhas a Campina Grande
FOTO: Mário (2011)

Existem ainda os transportes cedidos pela prefeitura, dois ônibus fazem o transporte de trabalhadores de vários setores, merecendo destaque o comércio e o setor de serviços, visto que grande parte destas pessoas trabalha como vendedores em lojas, farmácias e demais centros comerciais de Campina Grande, outro montante presta serviço na área da construção civil e indústrias em geral.

Durante a pesquisa foram entrevistados 10 (dez) pessoas que se deslocam periodicamente para Campina Grande objetivando a busca de emprego e renda.

Constatou-se que a maioria dos que responderam a pesquisa, deslocam-se para Campina Grande por não haver emprego no município de Pocinhos, alguns alegaram a busca por melhores salários.

Quanto à periodicidade dos deslocamentos, 80% afirmaram que se deslocam diariamente, saindo pela manhã de Pocinhos e se retornando no final da tarde início da noite, os outros 20% deslocam-se semanalmente, ficando durante os dias úteis em Campina Grande e retornando a Pocinhos apenas nos finais de semana.

Ao serem interrogados quanto ao que levam a continuarem residindo em Pocinhos ao invés de seu local de trabalho 60% disse ter seus familiares residindo naquela cidade, os outros 40% alegaram que preferem Pocinhos por ter um custo de vida mais baixo em relação a Campina Grande.

Foi também perguntado sobre a renda, 95% tem renda mensal de até um salário mínimo, a última pergunta foi com relação a forma de deslocamento de Pocinhos para Campina Grande, 60% utilizam-se de transporte cedido pela prefeitura, 20% utilizam ônibus da linha e os outros 20% se utilizam de transporte de vans, também denominado transporte alternativo.

No último quesito do questionário, o entrevistado foi convidado a opinar sobre como se poderia reduzir o deslocamento de pocinhenses para o município de Campina Grande, todos foram unânimes ao responderem que o poder público local deveria criar meios de gerar empregos na cidade e dessa forma evitar ou pelo menos reduzir a saída de pessoas de Pocinhos para Campina Grande, podendo desta forma todos os munícipes trabalharem e residirem em seu local de origem.

CONCLUSÃO

As causas ou motivos que geram o processo de mobilidade pendular ocorrido no espaço vão além das questões econômicas e financeiras, sendo a estrutura citadina e os elementos culturais outros fatores de destaque.

A existência de uma cidade central que vem oferecer os mais variados tipos de produtos de consumo aliado à disponibilidade de serviços de amplo interesse da população sejam estes serviços na área de saúde ou educação, acaba sendo um grande atrativo para pessoa dos mais variados perfis e classes sociais.

Aliado a isso, a fragilidade econômica encontrada nas cidades de menor porte, assim como sua proximidade com esses espaços mais bem estruturados economicamente, fortalecem ainda mais o processo migratório ou a mobilidade pendular entre as duas urbes, associado a melhora e desenvolvimento dos sistemas de transportes que vem facilitando cada vez mais o deslocamento da população da menor para a maior cidade.

O município de Pocinhos fazendo parte desse grupo de municípios cuja estrutura econômica apresenta-se de forma frágil, acaba por sofrer inúmeras consequências, como a quebra de sua estrutura financeira, já que a cidade passa a não contar com fontes de renda permanentes, a exemplo de indústrias, centros comerciais fortes ou qualquer outro tipo de elemento que venha melhorar a estrutura financeira pocinhense.

Paralelo a esses fatores, observa-se, ainda, uma utilização, por parte da maioria dos residentes no município de Pocinhos, da estrutura financeira campinense, visto que muitos realizam suas compras no comércio de Campina Grande, atraídos pela variedade de produtos, bem como pelo preço bem mais em conta, se comparado com o comércio

de Pocinhos, o que outra vez passa a enfraquecer o tão frágil comércio desta pequena cidade.

Portanto, o presente trabalho objetivou mostrar de forma científica as consequências da mobilidade pendular para o município de Pocinhos, no âmbito econômico e social, dentre outros, de forma que venha a despertar nas autoridades interferir de forma a trazer melhoras na dinâmica espacial de Pocinhos, para que este município não venha sofrer um enfraquecimento maior na sua estrutura econômica, ocasionando conseqüentemente na dinâmica social.

Outro objetivo é instigar e gerar novos estudos e discussões sobre o tema que ainda é pouco estudado na comunidade acadêmica gerando novas reflexões sobre o desenvolvimento das pequenas e médias cidades.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, José Arimatéia da Silva. **Crescimento e mobilidade populacional: A migração pendular entre as cidades de Lagoa Seca e Campina Grande-PB e suas implicações socioeconômicas.** Campina Grande – PB. UEPB 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Construindo o conceito de cidade média.** In: SPOSITO, Maria Encarnação (Coord). *Cidades médias: espaço em transição.* São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 23-33.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e Geografia.** São Paulo Contexto, 1991.

MOURA, Rosa. BRANCO, Maria Luiza Gomes Castello. FIRCOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. **Movimento pendular e perspectiva em aglomerados urbanos.** São Paulo Em Perspectiva, 2005.

MOREIRA, Emília. TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba.** João Pessoa: Editora Universitária 1997.

MUNIZ, Jerônimo Oliveira. **Um ensaio sobre as causas e característica as migração.** UFMG Cedeplar, Demografia-Avaliação de CDD (Componentes da Dinâmica Demográfica).

NUNES, Francivaldo Alves. **Modernidade, Agricultura e Migração Nordestina: Os discursos e a atuação governamental no Pará do Século XIX.** Revista Eletrônica, Caderno de História. Ouro Preto 2007.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de. JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos Para Migração No Brasil e Retorno ao Nordeste, padrões etários, por sexo e origem/destino.** São Paulo: Em perspectiva, 2005.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. **Dos Movimentos Populacionais a Pendularidade: Uma Revisão do Fenômeno migratório no Brasil.** IFHC/UNICAMP Minas Gerais 2006.

SANTOS, Milton Santos. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do século XXI**. – 9 ed. Rio de Janeiro. Record 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira** – 5 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

STAMM, Cristiano. STADUTO, Jefferson Andrônio Ramundo. **Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo no Paraná**. São Paulo 2008.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Pequenas e médias cidades: um estudo das relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais**. In: Maria Encarnação Beltão Sposito. (Org). **Cidades Médias: Espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

STAMM, Cristiano. STADUTO, Jefferson Andrônio Ramundo. **Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo no Paraná**. São Paulo 2008.

ANEXO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

INSTRUMENTO DE PESQUISA – QUESTIONÁRIO

Este questionário tem como objetivo coletar dados para o trabalho monográfico de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cujo tema é A Mobilidade pendular no espaço interurbano de Pocinhos e Campina Grande – PB. Os dados coletados terão caráter confidencial, sendo utilizados exclusivamente na pesquisa e não serão utilizados para outras finalidades.

1. Identificação:

Gênero: M _____ F _____

Idade _____

2. Qual o motivo que o leva a sair de Pocinhos periodicamente?

() Ausência de trabalho em Pocinhos

() Busca de melhor oferta de salário

() Trabalho temporário

() Transferência

() Aprovação em concurso público

() Ausência de instituições de ensino

() Outros: _____

3. Qual a periodicidade de seu deslocamento para Campina Grande?

() Diária

() Semanal

() Outros

4. Por que mesmo tendo que se deslocar-se periodicamente para a cidade de Campina Grande, prefere fixar residência no município de Pocinhos?

() Familiares residem na cidade

() Custo de vida mais baixo

() Trabalho temporário em Campina Grande

() Outros: _____

5. Qual a sua renda?

- Até um salário mínimo
- 2 a 4 salários mínimos
- 5 a 7 salários mínimos
- 8 a 10 salários mínimos
- Mais de 10 salários mínimos

6. Qual o meio de transporte utilizado no deslocamento entre as duas cidades?

- ônibus de linha
- transporte alternativo
- transporte cedido pela prefeitura
- transporte próprio
- Outros

7. Em sua opinião, como o município de Pocinhos poderia melhorar seu desenvolvimento econômico e dessa forma reduzir a mobilidade diária?
